

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16283 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 04 - Estado e Política Educacional

“AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NÃO SÃO UMA COISA SEPARADA DAS COMPETÊNCIAS COGNITIVAS”: O FUNCIONAMENTO DA MEMÓRIA NA FALA DA SECRETÁRIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

Ildo Ronan V. Junior - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Doris Maria Luzzardi Fiss - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

“AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NÃO SÃO UMA COISA SEPARADA DAS COMPETÊNCIAS COGNITIVAS”: O FUNCIONAMENTO DA MEMÓRIA NA FALA DA SECRETÁRIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

“AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NÃO SÃO UMA COISA SEPARADA DAS COMPETÊNCIAS COGNITIVAS”: O FUNCIONAMENTO DA MEMÓRIA NA FALA DA SECRETÁRIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

RESUMO: com base na Análise do Discurso constituída por Michel Pêcheux, intentamos compreender a realização do discurso desde sua filiação a redes de memória bem como o funcionamento da memória a partir do recorte de uma sequência discursiva proferida pela Secretária Estadual de Educação do Rio Grande do Sul na live “Orientações sobre o encerramento do ano letivo 2022”. A Secretária, assujeitada ideologicamente, parece ter assimilado diretrizes de organização da Educação coerentes com o modo de produção capitalista neoliberal brasileiro. Os sentidos produzidos são administrados por relações de poder, determinações históricas e injunções institucionais. Estando já administrados, eles fazem retorno de uma memória que estabelece relação de dependência entre interesses pedagógicos e econômicos. Contudo, a Secretária, ao afirmar algo, provavelmente deixa de dizer algo – o que aponta para disputa pelos sentidos acerca da Educação entre um modo que compreende escola como sendo a de tempo livre para aprender e outro que a vê como instância de treinamento do estudante para inseri-lo de maneira adaptada às exigências do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Discurso. Sujeito. Educação. Mercado de Trabalho.

Nesta pesquisa qualitativa interpretamos, na perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso (AD) materialista fundada pelo filósofo Michel Pêcheux, enunciado proferido pela Secretária Estadual de Educação do Rio Grande do Sul na live “Orientações sobre o encerramento do ano letivo 2022”. Importante ressaltar que, ao tomar o caminho da AD, dá-se também o encontro com os campos do Materialismo Histórico, da Linguística e da Teoria do Discurso, cruzados com a Psicanálise, como elucidam Pêcheux e Fuchs (2010). Para entender essa articulação entre os três campos é preciso observar o que o Materialismo Histórico nomina pela expressão “relações sociais”, ou seja, relações de classe de uma determinada formação social, percebendo,

através do modo de produção que a domina, a hierarquia das práticas que esse modo de produção necessita, os aparelhos através dos quais se realizam estas práticas, as posições que lhes correspondem, e as

representações ideológico-teóricas e ideológico-políticas que delas dependem (Pêcheux, 2017, p. 127).

Portanto, este estudo implica na consideração fundamental da conjuntura histórica, política e ideológica em que, no curso “Formação Continuada – Gestores Escolares”, o discurso da Secretária foi produzido – uma conjuntura que aponta para um momento de declínio de um período obscurantista calcado em matriz ideológica de direita que promoveu um genocídio da população brasileira através do negacionismo em relação à eficiência da vacina no combate à pandemia de Covid-19. A economia brasileira estava estagnada e caminhando para a recessão. O modelo econômico adotado vinha privilegiando o agronegócio. Ocorria o desmonte das legislações trabalhistas, sociais e de proteção ambiental. A educação vinha sendo atingida de maneira séria, com sucessivos Ministros sendo flagrados em falas equivocadas, dispostos a combater o que chamavam de ideologização da sala de aula. Considerando estas condições de produção do dizer, intentamos compreender a realização do discurso desde sua filiação a redes de memória bem como o funcionamento da memória. Em igual medida, pretendemos identificar a Formação Discursiva (FD) em que está inscrita a sequência discursiva “As competências socioemocionais não são uma coisa separada das competências cognitivas”.

A memória discursiva, suporte semântico de um discurso, funciona através da repetição de enunciados, formando uma regularidade discursiva. Sempre há uma memória significando antes de algo ser dito. Ela se refere aos enunciados que se inscrevem em uma FD, dizendo respeito não a todos os sentidos, como é o caso do interdiscurso (memória do dizer), mas aos sentidos autorizados pela Forma-Sujeito no âmbito de uma FD e àqueles que devem ser refutados. Em função dela sentidos são “esquecidos”: o trabalho de uma memória coletiva, no seio de uma FD, permite a lembrança, a repetição, a refutação, mas também o esquecimento destes elementos de saber que são os enunciados (Courtine, 2014). Assim sendo, a memória discursiva faz circular, ao se recobrar, no enunciado, outros discursos que já foram mobilizados – como numa repetição regularizadora. Pêcheux (1999, p. 52) assim se expressa a respeito da memória: “seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita”.

O sujeito não é um sujeito-origem; ele se constitui pela memória e pelo esquecimento (Pêcheux, 1999; Indursky, 2008; 2011), inscrevendo-se em certa filiação de sentidos. Além disso, tal como pontua Duarte (2023, p. 99), a partir de Pierre Achard (1999), é possível uma FD “circunscrever formulações já enunciadas, porque há uma memória discursiva oferecendo os sentidos. No entanto, isso não significa que a memória discursiva possa ser confundida com as formulações enunciadas”, porque a memória é reconstruída na enunciação (Orlandi, 2001), retornando nos sentidos produzidos pelo sintagma “coisa”. Sujeito enunciador, no “aqui e agora” do discurso, ele fala da posição de Secretária da Educação em um Estado cuja gestão está sob responsabilidade de sujeitos que acreditam na relação de dependência da

educação ao mercado de trabalho: o que ela enuncia emana seu sentido, no tocante à FD com que está identificada, de uma maneira muito próxima a falas enunciadas por outros os quais assumem a mesma posição.

Estamos observando o discurso produzido por uma gestora responsável pela implementação de políticas públicas de educação no qual reconhecemos uma Formação Discursiva Pedagógico-Administrativa (FDPA). Este discurso está composto por uma dispersão de textos: o de empresários interessados pela educação, o de representantes de editoras que fazem circular o que pode e deve ser dito nas escolas, o de professores, alunos, pais, pesquisadores e assim por diante. Estes textos podem estar atravessados por FD outras. A heterogeneidade diz respeito ao texto – por exemplo, “fala da Secretária” – atravessado por mais de uma FD e também ao discurso que, pela dispersão de textos nos quais se relacionam FD distintas de modos variados (aliança, litígio, antagonismo), convoca o analista a observar a relação com tais FD e diferentes efeitos de sentidos.

Na SD analisada, o sintagma “não” produz um efeito de sentido de unidade na medida que a relação entre os termos “competências socioemocionais” e “competências cognitivas” é designada pelo que ela não é – “uma coisa separada”. Algumas questões se apresentam a partir daqui, buscando compreender “a relação de articulação dos processos [discursivos] sobre a base linguística” (Pêcheux, 2014, p. 129) haja vista o uso do sintagma “não”, conquanto ligado ao significado dicionarizado de negação, está assentado sobre uma afirmação daquilo que o objeto não é, em oposição ao que ele é. Ocorre uma denegação: ao dizer “p (as competências socioemocionais) não é o caso (não são uma coisa separada das competências cognitivas)”, é como se o sujeito falante dissesse “p (as competências socioemocionais) na verdade é o caso (na verdade são uma coisa separada das competências cognitivas)”. A Secretária foi “traída” pelo seu próprio dizer que irrompe em um contexto educacional pós-pandêmico que coincide com investimentos ampliados na implementação da BNCC aprovada em 2018 sob a chancela de fundações e grupos empresariais.

O sintagma “coisa” não significa por si, mas na relação com: a exterioridade que inclui o sujeito que fala; a memória do dizer (interdiscurso) que refere o conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que a Secretária diz, sustentando a possibilidade do dizer; e as condições de produção. Reconhecemos um efeito de sentido de objetificação das competências que, em sendo “coisas”, são discursivizadas na ausência da atenção às peculiaridades que em última instância as diferenciam, pois uma integra o campo da aquisição do conhecimento, e a outra, o campo da aquisição de habilidades relativas ao convívio social. No silenciamento daquilo que lhes é próprio identificamos um efeito de sentido de nivelamento entre as competências.

Considerando que o sentido do sintagma “coisa” funciona por paráfrase, é interessante usar o procedimento da paráfrase: “coisa” está no lugar de “competências socioemocionais” (C.S.) e de “competências cognitivas” (C.C.), podendo, desde relações de sinonímia, ser

substituída por troço, negócio, assunto, dimensão e instância. Portanto, as C.S. não são coisa/troço/negócio/assunto/dimensão/instância separada/o das C.C., elas não são: (a) uma coisa, algo indefinido; (b) um troço, algo difícil de nomear ou qualquer assunto sobre o qual nada se sabe; (c) um negócio, algo sobre o qual nada se sabe ou um empreendimento comercial, financeiro; (d) um assunto, uma matéria, um tópico ou o tema de uma conversa; (e) um âmbito significativo em uma área; (f) uma categoria. O sentido desliza de a, b, c (algo sobre o qual nada se sabe) para a, c, d (algo que envolve empreendimento que pode ser comercial, financeiro) e de a, c, d para a, d, e, f (algo que tem importância). Que importância? Não está dito, mas a relação de sinonímia entre “coisa” e “negócio” permite supor que não seja importância predominantemente pedagógica.

O sentido de competências socioemocionais e competências cognitivas, tomadas como “coisa”, permanece sem ser esclarecido pelo sujeito que fala, mas, por um efeito metafórico, é possível compreender que esses sintagmas produzem sentidos que não existem nas palavras em si nem resultam das intenções da Secretária. Eles são administrados por relações de poder, determinações históricas e injunções institucionais. O discurso foi produzido em um tempo no qual a Secretária busca informações a respeito da necessidade de investir nas competências socioemocionais junto à Fundação Ayrton Senna. Os sentidos são constituídos estando já administrados e fazendo retorno de uma memória que estabelece relação de dependência entre interesses pedagógicos e econômicos. Inscrita em uma FDPA perpassada por uma Formação Ideológica Neoliberal (FIN), o que pode e deve ser dito está determinado face as condições de produção de dada conjuntura. Essa determinação escapa ao sujeito. Estando a SD inscrita na FDPA, reflete nessa FD uma interpelação de uma FIN que estabelece que a Educação precisa voltar-se ao mercado de trabalho, propiciando ao estudante o desenvolvimento de habilidades necessárias para o convívio social, adaptando-o às demandas da produção, através de submissão às diretrizes e normas da empresa, promovendo a formação das habilidades necessárias ao trabalho em equipe e, no plano individual, ao desenvolvimento de características de versatilidade e resiliência, dentre outras competências socioemocionais.

A FDPA representa no discurso a FIN e, ao mesmo tempo, permite ao analista desvelar o posicionamento ideológico do sujeito: a Secretária assume uma posição de sujeito no discurso subordinado aos princípios neoliberais e às demandas e exigências do mercado quanto ao papel que a escola deve desempenhar. A ideologia interpela o sujeito (Pêcheux, 1999; 2009; 2014) que, assujeitado ideologicamente, está determinado pela FDPA e, como outros políticos ou representantes a ele ligados, parece ter assimilado diretrizes de organização da educação coerentes com o modo de produção capitalista neoliberal brasileiro. A FI Neoliberal está subjacente ao texto/fala da Secretária. Ademais, a Secretária, ao afirmar algo, provavelmente deixa de dizer algo – o que aponta para disputa pelos sentidos acerca da Educação entre um modo que compreende escola como sendo a de tempo livre para aprender e outro que a vê principalmente como instância de treinamento do estudante para inseri-lo de maneira adaptada às exigências do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido In: ACHARD, P. et al. (Orgs.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 11-19.
- COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento da enunciação discurso político. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Leandro (orgs.). **Os múltiplos territórios da análise de discurso**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999. p. 15-23.
- DUARTE, Marcos Machado. **“Projeto de Vida” em (dis)curso: repetição, contradição e ideologia em documentos regulatórios do Novo Ensino Médio e textos de apresentação de livros didáticos do PNLD2021**. 2023. 124 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2023. p. 84-100.
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. 20 p.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). **Práticas Discursivas e identitárias. Sujeito & Língua**. Porto Alegre: Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Coleção Ensaios, 22).
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. Ideologia: Aprisionamento ou Campo Paradoxal? In: ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso – Michel Pêcheux**. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2014. p. 107-130.
- PÊCHEUX, Michel. Língua, ‘Linguagens’, Discurso. In: ORLANDI, Eni (Org.). **Análise de Discurso Michel Pêcheux - textos selecionados**. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999. p. 49-57.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010